

No Ano Internacional, lembrando o que Paulo VI disse da criança

Já se preparava o Ano Internacional da Criança, que seria aberto no primeiro dia de 1979. A Igreja preparara documentos vários, focalizando os direitos do menor, a ação a ser desenvolvida. Pouco antes de morrer, o Papa Paulo VI dirigiu-se ao Diretor Executivo da UNICEF, a esse respeito. De sua alocução, são estas as idéias centrais:

“Apoio a todas as atividades destinadas a providenciar quanto às necessidades básicas de cada criança no mundo inteiro. — Ausência de compromisso em projetos que direta ou indiretamente favorecem a contracepção, o aborto ou outras práticas que não respeitem o valor supremo da vida.

— A Igreja apóia os objetivos do Ano Internacional da Criança que falam de “aumentar o conhecimento das necessidades especiais das crianças, por parte dos responsáveis e do público”; e que defendem “atividades estáveis para benefício das crianças”.

— A Igreja se interessa pela felicidade das crianças, segundo as exortações de Cristo.

— O serviço prestado, à criança será tarefa permanente

assumida com prioridade duradoura. — A Igreja renova a ansiedade pelas necessidades reais das crianças, ditada por um conhecimento realista da situação presente. — Apesar do progresso tecnológico, as crianças ainda sofrem e morrem por falta de alimentação básica, ou como vítimas da desatenção emotiva, e envenenamento dos espíritos com preconceitos e ideologias vazias.

Outras crianças são exploradas por baixas depravações dos adultos, levados por interesses financeiros. — Outra discriminação perniciosa é a criança com fardo e restrição da liberdade, em vez de expressão viva do amor dos pais. Outros negam à criança o direito fundamental a ter mãe e pai unidos em casamento. o direito dado por Deus de nascer dentro de uma família normal.

A Igreja quer promover o valor inestimável da criança no mundo de hoje: a criança como criança, como pessoa humana. A infância é fase essencial da vida humana e cada criança tem o direito de viver a infância até o termo e a prestar uma contribuição original para a sociedade

se humanizar, se envolver, renovar. As crianças contribuem para o mundo com a percepção simples, direta e inocente das situações, com sua generosidade aberta e amorosa e a sua ausência de preconceitos e discriminações, a sua alegria contagiante e o seu sentido espontâneo de fraternidade, a sua capacidade para notáveis sacrifícios e heroísmo.

— A família é insubstituível para o desenvolvimento integral da personalidade da criança. A família é seu primeiro educador para o desenvolvimento físico, psicológico, intelectual, moral e religioso. A pessoa humana jovem e vulnerável tem o direito à vida, à verdade, ao amor. Recomendação a desfrutar, no espírito da fidelidade, a mensagem evangélica, às necessidades da criança e desenvolver programas apropriados para ajudá-la em todos os aspectos da vida.

Especial prioridade deve ser dada às necessidades das crianças subdesenvolvidas, deficientes, físicas e mentalmente abandonadas e das que se encontram em situações especiais de angústia e sofrimento.

A situação da criança brasileira

30/3 0 5/1/49

O Movimento pelo Ano Internacional da Criança: Entidade Democráticas Independentes, sob o título "A Situação da Criança Brasileira", oferece seu subsídio para a discussão do problema relacionado ao menor:

"Nossa intenção nesse texto, é introduzir algumas questões sobre a realidade da criança brasileira. Abordamos alguns aspectos fundamentais para que sirvam de base para uma discussão mais ampla e conclusiva sobre as condições de vida a que está submetida esta criança", diz o documento.

E prossegue:

"Ao nascer, a criança deve ser registrada, para adquirir existência legal, o que atende ao artigo 30. da Declaração dos Direitos da Criança, segundo o qual a criança tem direito, desde seu nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.

No nosso país, em toda a sua extensão, existem milhares de crianças sem registro, sem nome e, portanto, sem condições de reivindicar seus direitos legais de cidadão. Este fato deve ser em grande parte, atribuído à dificuldades econômicas das famílias, à falta de esclarecimentos sobre a sua importância e também a imposições políticas. Na atual situação política em que o país se encontra, o direito de registro está sendo negado aos filhos de cidadãos brasileiros exilados e perseguidos políticos.

Embora a criança tenha assegurado, por lei, o direito aos benefícios da Previdência Social, que inclui a assistência pré e pós-natal, o que verificamos na verdade é que as crianças e mães que recebem este atendimento representam uma minoria da população. Mais ainda, sabemos que o atendimento dispensado é insuficiente, principalmente quanto à qualidade, para assegurar um atendimento sadio para a criança. Não devemos nos esquecermos do trabalhador boia-fria que não tem direito previdenciário algum. Essa situação geral se agrava mais ainda no Norte, Centro-Oeste e Nordeste do País.

Ao ingressar no mercado de trabalho, a criança aparentemente está protegida por uma legislação específica. O que se verifica, porém é que essa legislação acaba facilitando a exploração do trabalho do menor, utilizando-o, na maioria das vezes, como mão-de-obra mais barata, da qual se exige, no entanto, o ritmo de produção de um adulto.

Por lei, o menor tem direito a receber educação es-



colar gratuita e obrigatória dos 7 aos 14 anos de idade. Essa faixa etária é determinada pela extensão do ensino de 10. grau. Dessa maneira, ao sair da escola aos 14 anos, o menor deve ter recebido instrução mínima que lhe permita exercer uma atividade profissional. Sabemos, além disso, que a defasagem entre a idade cronológica e o ano letivo que o menor cursa é muito grande. Podemos citar vários fatores responsáveis por esta defasagem:

A — Insuficiência de escolas — Não há vagas na rede oficial de ensino em número suficiente para atender as exigências da população, obrigando, desta maneira, um grande número de crianças a retardarem seu ingresso na escola. Formase, assim, a chamada população marginal infantil, perguntamos: quem os fez marginais?

B — Índice elevado de repetência e desistência escolar: a repetência escolar diminui ainda mais o número de vagas disponíveis, sobrecarrega as salas de aula e os professores. As causas de repetência e desistência se devem, na maior parte, à subnutrição, distância física entre habitação e escola, inexistência de transporte, impossibilidade, por parte da família, de manter a criança na escola, porque esta criança representa uma

força de trabalho ativa e necessária para complementar a renda familiar.

Como pretensa solução paliativa, encontramos um programa de alfabetização fora do plano educacional formal, seja através do Mobral ou de cursos supletivos. Esses programas apresentam-se não como soluções alternativas que visem modificar a estrutura de ensino oficial; pelo contrário, objetivam mantê-la inalterada, o que traz como consequência a deterioração cada vez maior do nível educacional e cultural do nosso povo.

Ao concluir o primeiro grau, o aluno não recebeu formação suficiente e adequada que o habilite a qualquer exercício profissional. Visto sob o aspecto pedagógico, constatamos um desequilíbrio profundo entre o que se ensina e real necessidade do aprendizado.

As condições de saúde que desfruta a criança brasileira são as mais precárias possíveis e isto é decorrência gradual da deterioração das condições de vida a que está submetida toda a população de nosso País. Exemplo disso é que em São Paulo, um dos polos mais desenvolvidos do País, de 90 a 100 crianças, em cada mil nascidos vivos, morrem antes de completar um ano de idade, o que se constitui num dos mais altos índices de mortalidade infantil de todo

o mundo. Semelhante fato de que o número de doentes em nosso País é praticamente o dobro do de habitantes o que prova que em média brasileiro tem mais doença. Se nos perguntarmos de que morrem as crianças, observamos mais da metade delas rem de doenças infecciosas (diarréias e broncopneumonias). Constatase ainda a maior parte dessas crianças são subnutridas, quase todas são filhas de famílias pobres. Além disso, os locais de habitação das crianças são desprovidos dos recursos básicos: saneamento, saúde, trabalho, educação etc.

Mais alarmante ainda é o fato de que as crianças sobrevivem ao primeiro ano de vida continuam sendo diariamente submetidas às piores condições sociais.

Constatamos, portanto, que estamos diante de um círculo vicioso que se interrompe na medida em que as condições gerais de vida da população substancialmente melhoram.

Não se pode entender as condições sociais da criança sem se dedicar a uma análise mais geral da propriedade em que ela se encontra. Embora a proposta de criação do trabalho por áreas específicas priorizadas conforme o exposto (Educação, Direito, Trabalho, Habitação, Família), tem a nossa organização se pode deixar de estabelecer a interligação entre estas áreas, pois elas fazem parte de um mesmo pano de fundo, que é a sociedade em que se desenvolve.

Desta forma, os resultados do desinteresse governamental por estas grandes áreas da política de privatização dos setores básicos de nossa economia, os desníveis decorrentes da alta concentração de renda, a inflação elevada, associados à ausência das liberdades de expressão de nossa opinião, tem tornado nosso país cada vez mais pobre.

Esses fatos obrigatoriamente repercutem sobre nossas crianças, seja no desenvolvimento físico, seja no seu desenvolvimento intelectual e relacionamentos sociais.

A exploração da criança em especial de sua força de trabalho, assim como a maioria da população da América Latina está submetida de frente as estas condições obriga-nos a desenvolver o trabalho durante este Ano Internacional da Criança, defesa específica de menores e portanto de o nosso povo.

Mulher, sinônimo de marginal no trabalho

IREDE A. CARDOSO

Quando se fala em feminismo, muita gente boa se assusta: as mulheres, para os que não sabem, estariam reagindo de uma forma condenável, na tentativa de alterar o que a maioria acha que é "natural". Na realidade, a realidade é outra. As mulheres brasileiras não estão querendo imitar comportamentos ou simples e levianamente lutar por futilidades. Há uma situação de fato, em nosso País, que afeta mais de perto a mulher trabalhadora. O homem brasileiro trabalha muito e é mal remunerado. As greves estão aí para mostrar o inconformismo de todos os que se sentem massacrados por uma política salarial injusta.

Todavia, nunca é demais lembrar que, se o homem ganha pouco, a mulher ganha ainda muito menos, executando as mesmas funções. E se estamos tentando uma Democracia, é preciso que as mulheres ergam sua voz denunciando as discriminações que sofrem. Esse é o modo correto de entender o feminismo: a luta pela justiça social, pelo fim das desigualdades gritantes que afetam principalmente a mulher, no mercado de trabalho. Outros problemas existem: a mulher é tratada de modo indigno na publicidade e costuma ser encarada de modo geral como ser subalterno. Essa situação não pode perdurar por muito tempo, sem que os protestos deixem de aparecer. É preciso, pois que se compreenda da melhor forma possível o problema, tal como se apresenta em nosso País.

Os dados existentes sobre a discriminação contra a mulher, reconhecidos pelo próprio governo, são, por si só, suficientes para mostrar que alguma coisa deve ser feita para reparar a desigualdade. As mulheres estão lutando por isso. Cabe aos que não se empenham na mesma luta, entender, conhecer o problema para que não sirvam de entraves à libertação do ser feminino.

Somos 50,3% da população brasileira e, embora a taxa de desemprego no País seja uma das menores do mundo, ela atinge a mulher em graus extremamente severo, sendo seis vezes maior que a verificada com o trabalhador do sexo masculino. Além disso, o trabalho da mulher é sempre visto como secundário e, por isso, o salário pago a ela é sempre inferior ao do homem. Assim é que a mulher brasileira ganha 57% a menos que o homem, executando as mesmas funções.

POR QUÊ?

Muitos teóricos têm tentado explicar qual o motivo dessa discriminação. Segundo alguns dos mais representativos, o problema estaria no fato de o sistema econômico precisar, para manter seu próprio equilíbrio, sustentar um exército de reserva, pronto para aceitar qualquer emprego por salários inferiores, de forma a solucionar momentos de crise. Dessa forma, a mulher funcionaria como tapaburaco, "quebrando o galho", e não sendo respeitada como ser humano.

Para isso, é preciso que ela seja criada de forma a aceitar essa profunda injustiça social como algo "normal". É isso que a educação, nas escolas, pela televisão, na família

e na religião, executam "brilhantemente", através dos anos. Criada para ser submissa, obediente e secundária, a mulher cresce formando, de si mesma, uma opinião nada favorável. É essa opinião que a mulher tem de si mesma que determina suas possibilidades e seu lugar na sociedade, sendo um dos fortes fatores que a leva a enfrentar maiores dificuldades na vida profissional, na qual vem ocupar, quase sempre, lugares subalternos e mal remunerados.

Talvez com essas pequenas explicações possamos entender a indignação da mulher mais esclarecida frente ao bombardeio da propaganda pela TV, na qual ela sempre aparece como burra ou objeto para vender outros objetos. A propaganda na TV — observem — mostra um mundo inaceitável para a dignidade da mulher, seja porque "ensina" que ela é um ser que só serve para a cozinha, só para a maternidade ou só para a prostituição. E esse é, incontestavelmente, um fato que forma a mentalidade de meninas e meninos que "engolem", acriticamente, uma ideologia que se presta a manter a situação de discriminação e a perpetuá-la.

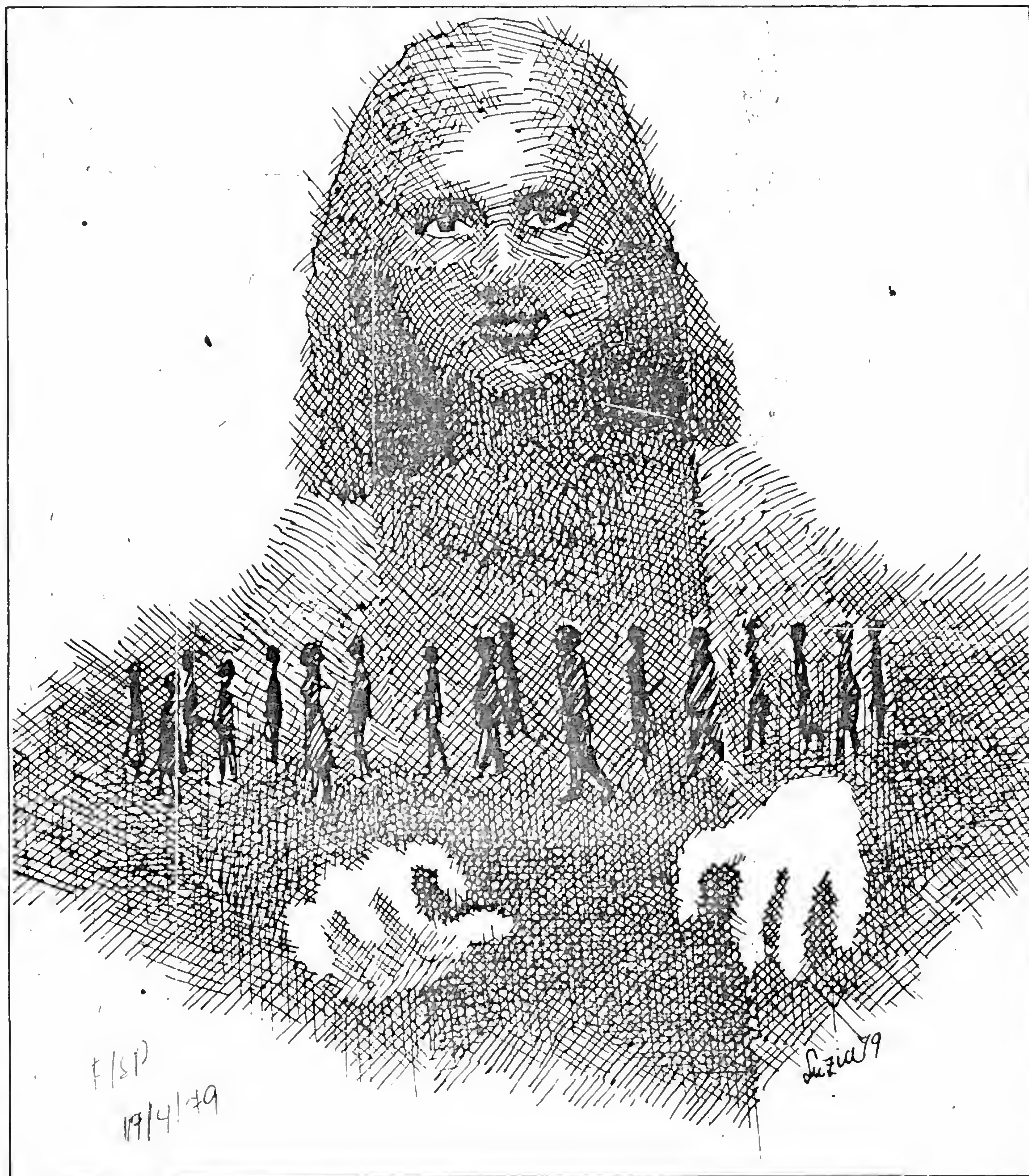
Preparada dessa forma para aceitar empregos subalternos e a receber salários inferiores aos do trabalhador do sexo masculino, a mulher funciona de modo a reforçar as injustiças sociais.

Durante o Congresso da Mulher Paulista, realizada em março, pudemos ver a atuação de uma repórter de TV que procurava participantes e afirmava (fora do ar, naturalmente) que a maioria era ignorante e que não colocaria no ar uma mulher esclarecida, mas o "povão". O resultado é que a T3TTV em questão deu uma imagem negativa aquele odioso preconceito sobre a mulher "burra" que resulta de outro, pior ainda: "povo brasileiro não escova dentes e não sabe votar".

Uma outra "explicação" para a marginalização feminina no mundo do trabalho diz respeito à falta de conhecimentos especializados que a mulher teria. Na verdade, a mulher só trabalha quando consegue conciliar as tarefas domésticas com as de fora de casa, o que faz com que se torne um trabalhador obrigado à dupla jornada, sempre em desvantagem com o do sexo masculino.

Todavia, são claros os dados que mostram que a mulher, mesmo com maior conhecimento que o homem, sofre, assim mesmo, a discriminação: se consegue o emprego é sempre com salários menores.

Os últimos dados censitários oferecem uma visão pouco animadora da situação da mulher trabalhadora em nosso país. Do total da população feminina brasileira, apenas 6,2 milhões encontram-se registradas no Ministério do Trabalho. Desse total, 32% são empregadas domésticas, sem direito ao aviso prévio ou FGTS, etc. 16% são empregadas do campo, geralmente "bólas-frias", excluindo-se as que trabalham nas roças dos maridos ou dos pais; 8% trabalham como professoras primárias (no Estado de São Paulo, 80% são "precárias",



"bólas-frias" do ensino). Além disso, os dados do IBGE revelam que 54% das mulheres que trabalham ganham entre zero e um salário mínimo (dos homens, 39,4% estão nessa faixa). Acima de trinta salários mínimos, vamos encontrar 3% dos homens e... 0,005% das mulheres.

Mesmo ganhando, quase em silêncio (ainda), 57% a menos que os homens, executando as mesmas tarefas, está aumentando o número de mulheres que participa da renda familiar. E até mesmo o número de mulheres chefes de família, cuja situação, como é fácil depreender-se é absolutamente trágica. Abandonadas pelos maridos, viúvas, desquitadas, mães solteiras, arcam miseravelmente com sustento e a educação dos filhos cujo ônus é, de forma inapelável, lançado de maneira exclusiva sobre elas.

Além disso, o recrutamento dos

trabalhadores por sexo, e não por capacidade, é um dado flagrante desse preconceito contra a mulher. Dona Cida, que tão brilhantemente falou durante o Congresso, como presidenta da Associação das Donas de Casa, disse que o seu maior sonho é ser torneira-mecânica, mas que foi barrada num curso do Senai. E assim: "mulher não deve trabalhar" e, se tiver que trabalhar, há de ser numa profissão "condizente" com sua feminilidade".

Casamento e maternidade são as duas causas que podem explicar o desemprego e não aceitação de mulheres nas empresas. Não há creches. O salário recebido não dá para pagar empregadas domésticas, repetindo o ciclo do estigma feminino. Mas o dinheiro também não dá, aquele que o marido traz para casa. É um círculo de crueldade infernal, atingindo a toda sociedade brasileira. As crianças,

em consequência, estão sendo levadas cada vez mais ao abandono.

É preciso sublinhar o seguinte: em cada dez mulheres que trabalham, uma é chefe de família. Mas, e a dona-de-casa, quanto vale o seu trabalho? Galbraith o economista americano estimou, em 1973, em mais de treze mil dólares anuais. Então está aí: é a mulher sempre trabalhando e sempre tratada com descaso. É por isso que elas estão lutando. Há de chegar um dia, esperamos, em que o trabalho seja não só fonte de sobrevivência mas também um prazer em termos de realização humana. E aí será possível calar a voz dos insensíveis que repetem, brutalmente, que lugar de mulher é dentro de casa e que só as feministas frustradas é que desejam trabalhar fora. Os tempos estão mudando, tudo é fluido e é preciso acompanhar as mudanças para não se ficar ultrapassado.

INDÚSTRIAS PREFEREM PAGAR MULTAS A TER CRECHES

f 70ml 23/4/79

ALGUÉM PRECISA DE VOCÊ

MARIA TEREZA PAGLIARO

A lei é taxativa: "Os estabelecimentos em que trabalham pelo menos trinta mulheres com mais de 16 anos de idade terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar, sob vigilância e assistência, seus filhos no período de amamentação". Na prática, no entanto, a legislação é escassa: uma portaria de 15 de janeiro de 1969 e decreto constituindo um grupo de trabalho para estudar a construção e instalação de creches dos distritos de cidades industriais, ainda durante o governo de Jânio Quadros. Projetos de lei, há muitos.

No entanto, apesar da lei exigir a obrigatoriedade de berçários nas empresas, o número de estabelecimentos que realmente os possuem são muito pequenos. Muitas preferem pagar multas a cumprir a lei. Os órgãos oficiais garantem, que a lei vem sendo cumprida, mas

não são poucos os sindicatos que desmentem essa afirmação.

Em São Paulo, a Prefeitura é a única responsável pela construção desses locais, enquanto que o Estado mantém convênio com poucas obras assistenciais que se dedicam a preencher esse vazio. Na Prefeitura, o "Programa de Assistência à Infância" elaborado pela Coordenadoria de Bem-Estar Social, contava no ano passado, com 113 obras oferecendo mais de dez mil vagas para as crianças. Devido à rotatividade, mais de 17 mil menores foram atendidos.

Segundo especialistas, o problema ainda está longe de ser solucionado, tendo em vista o crescimento da ci-

dade, o número de migrantes que diariamente chegam à cidade, entre outros fatores.

Para as creches partilhadas, os encargos financeiros constituem a maior dificuldade para a manutenção dos estabelecimentos, ao lado da falta de mão-de-obra especializada, que exerça trabalho voluntário. A Secretaria de Promoção Social, fornecia, por exemplo, até o ano passado, a quantia de Cr\$ 705,00, enquanto que o custo real era de, em muitos casos, cerca de mil e setecentos cruzeiros.

É quase impossível calcular o número de creches existentes na Capital ou no Estado, uma vez que muitas

delas não são registradas nos organismos competentes. Mas, em um ponto, todos concordam: de qualquer forma, esse índice é insuficiente para atender a necessidade.

Na realidade, o problema poderia ser minimizado se as empresas cumprissem a determinação que consta da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que não fala de instalação de creches, mas de criação de berçários.

"... a exigência do parágrafo 1.º poderá ser suprida por meio de creches distritais mantidas diretamente ou mediante convênios com outras entidades públicas e privadas pela próprias empresas em regime comunitário..."

A portaria n.º 1 de 15 de janeiro de 1969 reforça essa exigência determinando as dimensões que deveriam ter os berçários e o número de leitos. Sua localização tam-

bém prevista: deve estar situada, de preferência, nas proximidades da residência das empregadas, dos estabelecimentos ou das vilas operárias. Nos casos de inexistência das creches, as autoridades regionais competentes devem exigir que os estabelecimentos celebrem convênios "desde que esses estabelecimentos ou as instituições forneçam transporte, sem ônus para as empregadas".

Na verdade, o problema não seria totalmente solucionado pela obediência à lei, mas apenas minorado. Segundo a Coordenadoria de Comunicação do Ministério da Previdência Social, no ano passado, 49 milhões de cruzeiros foram investidos pelo Projeto Casulo, que até agora já instalou 700 novas creches no País, proporcionando 22 mil vagas além das já existentes.

Eliane Sondermann Freitas

Desfile, n.º 115, Abril de 1979

O encontro, promovido pelo Centro da Mulher Brasileira, foi aberto no dia 8 de março — Dia Internacional da Mulher — 19 após o último Encontro Nacional de Mulheres. Reunindo cerca de 300 mulheres, entre jovens senhoras dos 30 a 60 anos, o encontro contou com a presença de vários tipos de grupos femininos e feministas de muitos estados. Compareceram representantes de jornais como o *Brasil Muller*, *Nós Mulheres* (de São Paulo) e *Geração* (de Alagoas), o grupo Ação Mulher, de Pernambuco, a Associação de Donas-de-Casa de São Paulo, o Movimento Feminino Pela Anistia, a União Brasileira de Mães, Clube de Mães de Nova Iguaçu, além do Centro da Mulher Brasileira de Niterói e do Rio.

Durante quatro dias, foram apresentados painéis expondo trabalhos sobre diversos temas, e grupos de debates organizaram-se para debater as principais questões levantadas. Os temas básicos foram a *Situação da Mulher no Brasil* (subdivididos em *Mulher e o Trabalho*, *Mulher e Política*, *A Sexualidade Feminina*, *A Violência Contra a Mulher*, *A Mulher Negra*, *O Trabalho Doméstico*, *Creches*, e outros) e *O Feminismo no Brasil*. Foram também apresentados slides e um filme, da autoria de Ligia Pape, do Clube de Criação, sobre o *Uso do Corpo da Mulher na Publicidade*.

Como as reuniões se prolongaram por todo o sábado e domingo, foi improvisada uma creche no local, para cuidar das crianças cujas mães não tiveram com quem deixar os filhos. O clima de seriedade, apesar da informalidade, mostrava uma imagem bem diferente da que estamos acostumadas a ter sobre as feministas que têm raiva dos homens — muitos, aliás, presentes, e até dando suas opiniões.

"O nosso movimento" — disse a representante do CMB, no discurso de abertura do encontro — "luta contra a desigualdade entre os sexos. Quando o iniciamos, tínhamos contra nós a tradicional concepção do feminismo como um movimento preocupado em rasgar sutiãs em praça pública e lutar contra os homens".

Realmente, as feministas brasileiras aparentavam conduzir um movimento com características específicas, ligadas aos problemas que a mulher brasileira enfrenta, apesar de se notarem tendências diferentes. O fato do movimento ainda contar princi-

palmente com mulheres de classe média pareceu ser uma dificuldade enfrentada pelos grupos de todos os estados, com exceção de São Paulo. O depoimento das representantes da Associação de Donas-de-Casa paulista, recém-chegadas do Congresso da Mulher Paulista (realizado na semana anterior), apresentou tanto vigor e objetividade, que seu documento foi incorporado à resolução final do Encontro Nacional, considerado como a expressão da verdadeira voz da maioria das mulheres brasileiras.

AS DIFICULDADES OBJETIVAS DA MULHER BRASILEIRA

"Somos educadas apenas para executar as tarefas domésticas e ser mãe", afirma o documento paulista. "Só conseguimos emprego com salário mais baixo que os homens e nas profissões e cargos mais desvalorizados. E mesmo quando conseguimos trabalho fora de casa, somos obrigadas a fazer, além dele, todas as tarefas domésticas — o eterno lavar, cozinhar e cuidar dos filhos."

O problema de com quem deixar as crianças no horário de trabalho foi enfatizado, pois a mulher, ainda por cima — afirma o documento —, é considerada a única responsável pelos cuidados dos filhos. Além disso —

acrescenta —, o trabalho doméstico, necessário a toda a sociedade, não é valorizado, muitas vezes até pelo próprio companheiro.

"Mesmo para ser mãe — a tão falada função principal da mulher —, não contamos com as mínimas garantias." Mulheres grávidas são geralmente despedidas ou não conseguem emprego, e, quando resolvem evitar filhos, não encontram a assistência necessária. Esta foi uma das razões da resolução de combater o Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco, do governo. Alega-se que o uso indiscriminado das pilulas expõe as mulheres a muitos riscos.

Entre as recomendações elaboradas a partir das discussões dos grupos, muitas se referiam ao trabalho da mulher e à maternidade. Foram tiradas propostas quanto ao projeto de reformulação da CLT nos itens relacionados ao trabalho da mulher. Entre outras, "que se formule fiscalização quanto ao estabelecimento de creches conforme dispõe a lei", isto é, gratuitas e próximas aos locais de trabalho; que se cumpra o artigo da CLT que diz que a mulher tem direito a trabalho e salário iguais aos dos homens. Em relação à maternidade, que se estenda a licença pós-parto até 4 meses (como as funcionárias do estado) e com garantias e volta ao cargo, assim como o abono do dia de levar o bebê ao médico, geral-

mente descontado pelas empresas. Pede, também a incorporação da súmula 14: a CLT diz que é proibido demitir a mulher grávida, a não ser por justa causa.

O RESPEITO À MULHER COMO SER HUMANO

"Existem ainda os preconceitos tradicionalmente divulgados, de que nós não temos direito ao prazer sexual e que nossa única função no sexo é ter filhos", diz ainda o documento de São Paulo.

Os trabalhos sobre a sexualidade feminina preocuparam-se em destacar os estereótipos de masculinidade e feminilidade que regem a educação das crianças, determinando, segundo valores vigentes, o que é *ser homem* — "o homem tem que ser forte", ou *mulher* — "a mulher tem que ser frágil e meiga". Segundo o grupo, isso limita as potencialidades da mulher, que, por ser diferente entre outras coisas, pelo fato de poder ser mãe — também pode ser forte. E, por não ser apenas feita para ser mãe, mas dona de um corpo sobre o qual muitas vezes não é bem informada, é frequentemente obrigada a negar o próprio direito de sentir desejo sexual.

Pelo respeito à mulher como pessoa e seu direito de participar de todas as atividades sociais, foram tiradas no encontro as seguintes moções: solidariedade a Flávia Schilling, mulher brasileira presa no Uruguai, representando todas as presas políticas, que, por serem mulheres, sofrem nas prisões humilhações tais como a violentação; solidariedade às mulheres do Irã, obrigadas a usar véus por terem "que se colocar em seu lugar"; moção de repúdio aos autores do caso da menina de Goiás, empregada doméstica obrigada pelo patrão a desfilar nua pelas ruas; repúdio à utilização do corpo da mulher pelos meios de comunicação, como indução ao consumo; moção contra o *Jornal do Brasil* que, ao ser convidado a comparecer ao encontro, declarou-se antifeminista; contra a exploração pela publicidade do Ano Internacional da Criança, que, como mães as mulheres consideram ofensivo e não correspondendo à realidade da maioria das crianças brasileiras; e a moção geral pela anistia e contra todas as formas de dominação sofrida pelo povo brasileiro, pois as mulheres pretendem unir-se à luta pela democracia.

ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES

"Diferentes, mas não desiguais", dizia o cartaz comemorativo do Encontro Nacional de Mulheres, realizado no mês passado, no Rio. E as três bandeiras centrais de luta apresentadas ao final do encontro continham essa mesma mensagem: "Trabalho igual, salário igual", "Creches gratuitas", e "Combate ao Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco." Isto é: reconheçam nossa igualdade, respeitando nossa diferença essencial — a maternidade.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FOLHA DE PAULISTA

Data: 05/05/2001

Pág. 1

Pasta n.º

N.º do recorte

Municípios aplicarão 20% da receita em creches: projeto

O deputado Ruy Codo — com o apoio de 177 parlamentares dos dois partidos — apresentou, ontem, na Câmara, emenda constitucional que torna passível de intervenção o município que não realizar investimentos na construção, manutenção, educação, saúde, alimentação e recreação, de creches e jardins de infância, para crianças até sete anos de idade. Os investimentos serão feitos na base de 20% da receita tributária do município e 20% do Fundo de Participação dos Municípios. O deputado esclareceu que a preferência em atribuir aos municípios tal responsabilidade baseia-se nas profundas diversidades sócio-econômicas de cada região, além de estarem as autoridades locais em contato direto com o problema de assistência à criança, o que já não acontece com os escalões superiores do poder público federal e estadual.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Estado de São Paulo*Data *15/01/79*Pág. *3*

Pasta n.º

N.º do recorte

Querem um berçário

As deputadas emedebistas Irma Passoni e Nodoci Nogueira estão pressionando a Mesa da Assembléia Legislativa de São Paulo, no sentido de que se instale um berçário no Palácio Nove de Julho, a fim de que ali possam deixar os seus bebês, enquanto trabalham. Irma deu à luz uma menina, recentemente, e Nodoci está no quinto mês de gestação.

E o que acontecerá, se não conseguirem a instalação do berçário? Simples: deixarão as crianças no gabinete do presidente Robson Marinho. *FLP 15/1/79 p. 3*

Pelo menos é o que prometem.

Lar da Irmã Irene ainda depende de Cr\$ 10 milhões

Cento e noventa e seis crianças vivem em oito casarões da rua Gravataí, ao lado da praça Roosevelt, no Lar Nossa Senhora da Consolação, sob a direção da irmã Irene, 78 anos. Há algum tempo uma construtora ofereceu a soma de dez milhões de cruzeiros pelos prédios. O Lar teria que mudar de lugar, mas os proprietários concordaram em dar à irmã Irene a prioridade na compra dos imóveis. A partir daí, irmã Irene vem tentando arrecadar fundos para chegar à soma pedida.

Ontem, Dia das Mães, as crianças e seus responsáveis foram até a rua Gravataí comemorar a data. Já na parte da manhã foi rezada uma missa e, por volta das 15 horas, uma bandinha formada por crianças e adolescentes do Lar, dirigidas por uma professora de música criada no Lar, festejou o dia.

Irmã Irene se dedica há 56 anos a amparar menores sem famílias ou cujos pais vivem na miséria. Sua preocupação em todos estes anos foi "dar instrução e formação a crianças sem meios de sobrevivência, procurando dar-lhes chance de ter uma profissão". São criadas ali crianças desde dois meses de idade até 18 anos. Até sete anos de idade são admitidas crianças de ambos os sexos e, a partir daí, só do sexo feminino.

O regime adotado no Lar é de internato e semi-internato. Algumas crianças ficam das sete da manhã até as sete da noite, mas, segundo irmã Irene, "as mães aparecem aqui às cinco da manhã, pois elas começam a trabalhar às seis". Os internos têm direito a duas visitas por mês, uma delas podendo passear com os responsáveis.

TRABALHO DE AJUDA

Das cerca de seiscentas crianças que passaram pelo Lar da Irmã Irene, muitas são profissionais em várias áreas. Todas estudantes ou estudam em escolas públicas e no Lar realizam tarefas de manutenção. Quanto ao lado financeiro do empreendimento, os responsáveis teriam, em princípio, que pagar uma taxa "formal" pois muitos não podem pagar, e ela é



Irmã Irene, 78 anos e 196 crianças

obrigada a viver de donativos.

Mas o trabalho do Lar não é apenas alojar crianças e fornecer-lhes educação. Irmã Irene também ajuda famílias faveladas com seis, oito ou mais filhos. "Para estas famílias, decidimos montar um esquema que consiste na doação mensal de uma quantia aos pais para que estes tomem conta de seus próprios filhos. Isto é, criamos creches cujos membros são todos de uma só família". Neste esquema já existem oito famílias, uma das quais com doze filhos, moradores em favelas da Brasiândia, Vila Miriam, São Miguel Paulista, etc.

"Mas precisamos mesmo é que o Governo nos forneça maior ajuda e que as famílias tomem consciência do trabalho que fazemos e nos deem seu apoio através de donativos. Principalmente agora que precisamos comprar estas casas para serem transformadas em sede definitiva do Lar", conclui Irmã Irene, já cercada de crianças que a chamam de "Vô" e pedem que ela distribua balas que comprou para comemorar o Dia das Mães.

C.P. **No Dia das Mães,
ajude o Amparo**



Das milhares de crianças que nascem em São Paulo, cerca de 15 mil pertencem à mães que buscam assistência no Amparo Maternal, uma entidade que cuida das mães necessitadas. Mas ali está faltando o pão, o leite para sustentá-las, muito embora não falte o calor humano de uma equipe de pessoas que se desdobra em sacrifícios nessa missão cristã. O Amparo Maternal precisa de apoio. E muito mais: da generosidade de todos, para continuar a sua tarefa de proteção à mãe pobre. Neste Dia das Mães será importante conhecê-lo; avaliar a sua importância em nossos dias, sentir de perto suas necessidades materiais e ajudá-lo ainda mais.

Uma mulher de 35 anos, dona-de-casa e mãe, divide o trabalho do lar com o Movimento Contra a Carestia, onde o importante é, atualmente, a participação da mulher. Sua vida de esposa e mãe, as agruras que passou e sua dedicação às causas da comunidade, são um exemplo de perseverança.

Nas ruas de São Paulo, diariamente, entre tantas outras que cuidam da limpeza pública, vamos encontrar uma outra mãe preocupada com a formação dos filhos. De vassoura em punho, lutando pelo "pão nosso de cada dia", ela procura dar comida e escola para os filhos. Estamos focalizando uma das "cenourinhas", ou "margaridas", como são chamadas essas dedicadas mulheres que varrem as ruas todos os dias. Chova ou faça sol. (Página 10).

Todos os dias é dia das mães no amparo maternal

No Amparo Maternal — entidade que cuida de milhares de gestante pobres — não falta calor humano. Está faltando pão, leite, enfim, os gêneros alimentícios para mães e crianças que ali estão.

Durante 1978, mais 10.860 crianças vieram ao mundo nos berçários daquela entidade. Diariamente, outras 30 ali nascem sob os cuidados de uma equipe especializada que se dedica de corpo e alma nessa missão cristã.

As dificuldades aumentam no dia-a-dia. É preciso ajuda de todos. Os Cr\$ 100,00 destinados à compra de um buquê de flores neste "Dia das Mães", melhor efeito produziriam se enviados às mães pobres do Amparo Maternal. Ajude uma criança a nascer e uma mãe a sorrir de alegria!



Na Vila Clementino, bem pertinho da Estação Santa Cruz do Metrô, ainda enfrentando as mesmas dificuldades econômicas desde a sua fundação, o Amparo Maternal continua cuidando das 130 gestantes que ali encontram assistência e carinho. Entre elas, os 30 partos que são realizados diariamente.

Comandando esse avostolado cristão no Amparo Maternal, Irmã Anita Gomes, sua diretora, está aguardando uma melhor contribuição do Estado. Mais precisamente da Secretaria de Promoção Social, cujo novo secretário, Antonio Salin Curiati, promete estudar a destinação de uma verba de 500 mil cruzeiros solicitada por Irmã Anita:

— O sr. secretário prometeu estudar o pedido, alegando estar vivamente interessado no problema. Atualmente estamos recebendo Cr\$ 1.600.000,00 da Prefeitura e mais Cr\$... 350.000,00 do Estado. Somente a folha de pagamento dos funcionários está por volta dos Cr\$..

1.200.000,00 mensais. Isso, sem contar as demais despesas, de manutenção.

Para manter o Amparo Maternal são despendidos mensalmente Cr\$ 200.000,00 em medicamentos; Cr\$ 100.000,00 com alimentação, e mais Cr\$.. 150.000,00 para o pagamento das taxas de luz e

água. A Igreja, através de várias paróquias é quem tem enviado maior soma de donativos, um total geral de mais ou menos um milhão de cruzeiros.

Assim mesmo, não se pode fazer face às despesas com concertos, reparos e outras obras necessárias. A alimentação das gestan-

tes e dos recém-nascidos é o maior problema: leite, feijão, pão, arroz, outros tantos gêneros.

Para que se possa avaliar a necessidade da cidade, basta registrar o número de crianças nascidas ali em 1978: 102 devidamente assistidas, tratadas, ao lado de um número de parturientes.

Assim, Irmã Anita renova seu apelo à população, no sentido de destinarem seus donativos em benefício de mães e crianças que diariamente procuram o Amparo. Igual pedido está sendo feito às empresas, comércio, clubes, serviço e outras entidades, que poderão contribuir além da gratidão dos necessitados, dos devidos impostos e contribuições, descontáveis no Imposto de Renda.

Mãe e filho

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

Meus Amigos,
Católicos, Cristãos, Homens
que buscam a Deus e que se-
guem a consciência na procura
da Verdade e do Bem:

O Dia das Mães é sagrado.
Amor de mãe, forma de amor
que todos respeitam. O próprio
Deus nos avisa que, na Jerusa-
lém celeste, os eleitos terão a
experiência do amor "materno"
de Deus (Is 66, 10-13). E é por
isso que nunca separamos um
filho de sua mãe.

1 — Maternidade responsável

Nos últimos meses, os jor-
nais do Brasil anunciavam pro-
gramas de limitação de filhos,
de política demográfica e até
chegaram a usar a expressão
consagrada nos documentos pa-
pais, "paternidade responsável".

O que importa sublinhar
nesta hora é o fato de o lar ser
sagrado. Os pais é que decidem,
dentro de suas possibilidades de
saúde, e dentro de seus recursos
e condições, quantos filhos po-
dem receber da generosidade de
Deus. Nenhum poder externo es-
tá autorizado por Deus a inter-
ferir na decisão que deve ser as-
sumida com toda a responsabi-
lidade. Cada criança liga o tem-
po presente à eternidade. Tanto
na sua origem quanto no seu
fim.

O que podemos e devemos é
cercar a família com todos os
seus direitos e com as condições
necessárias para realizar a tripli-
ce missão, ou seja, de formar
pessoas ricas em relacionamento,
construir a sociedade e levar a
viver em clima de fé e espe-
rança.

Se a criança não for dese-
jada e bem acolhida, jamais te-
rá o amor suficiente para criar
dentro de seu coração e pelas
suas mãos o ambiente propício
ao desenvolvimento.

2 — Desenvolvimento equilibrado

Além do lar, a criança pre-
cisa de toda uma rede de insti-
tuições educacionais e assisten-
ciais, para se promover na vida.

É a esta altura que descobri-
mos o drama que nos envolve. O
menor subdesenvolvido, carente,
abandonado e marginalizado,
acaba vivendo num submundo.
Se não cuidarmos da habitação,
alimentação, saúde, educação,
lazer, segurança social, compro-
metemos o desenvolvimento hu-
mano.

Nesta altura não é justo
lançarmos a culpa sobre a mãe,
nem mesmo sobre o pai, pois es-
tamos diante de vítimas.

A escala de atendimento
pode ser variada, mas toda crian-
ça de per si já teria o direito ao
mínimo. E, dentro de um clima
de amor, ainda goza do direito
ao máximo.

No ANO INTERNACIONAL
DA CRIANÇA, ela deve ter prio-

ridade nas intenções e nas aten-
ções de todos.

Bem nos lembrava Paulo
VI, que nos obrigamos, no ANO
INTERNACIONAL DA CRIAN-
ÇA, a "aumentar o conheci-
mento das necessidades especiais",
sobretudo por parte dos responsá-
veis e do público.

Quanto, há pouco tempo
ainda, realizávamos amplo in-
quérito junto às mães, para sa-
bermos a que desejavam para os
filhos, a resposta era quase sem-
pre invariável: "Que ele seja fe-
liz; que possa ter saúde e educa-
ção; que saiba vencer na vida."

Quantas vezes, descobrimos
mães que se esqueciam de si
mesmas, para transferir todas as
suas necessidades e seus desejos
para o presente e o futuro de
seus filhos.

Em nossa Igreja de São Pau-
lo, como em outras, os movimen-
tos familiares e a pastoral da
família se propõem a cuidar, em
primeiro lugar, das famílias ca-
rentes, ou seja, das crianças
que precisam um complemento
para atingirem as condições mí-
nimas de satisfazer este desejo
das mães: que tenham saúde e
possam educar-se para enfrentar
a vida em condições mais ou me-
nos normais.

O que as famílias e a socie-
dade realizarem em favor das
mães, estarão realizando em fa-
vor do bem estar de todos.

Dai nosso apelo constante
em favor das mães no período da
gestação e nos primeiros anos
de vida da criança. E então que
as condições físicas e psíquicas
determinam, em grande parte, o
futuro do homem. Uma despesa
a mais pode evitar todo o peso
de levarmos pela vida em fora
cérebros deformados e, assim,
existências precárias, que se
transformam em problema para
todos.

A generosidade para com a
gestante e o bebê não pertence
a uma pessoa só. Constitui a res-
ponsabilidade comum, de que nos
falou o Papa, em sua visita ao
México, repetindo Paulo VI:
"Queremos ser solidários com
vossa causa, que é a causa do
povo humilde, da gente pobre."

3 — O menor abandonado em São Paulo

Em geral, desligamos o me-
nor abandonado de sua situação
familiar. Pensamos pouco na
mãe dele. Quanta angústia e
quanta apreensão! Basta pensa-
mos nos pequenos problemas que
cada família experimenta com
suas crianças, para avaliarmos a
montanha de preocupações que
pesa sobre uma mãe obrigada a
passar o dia inteiro fora de ca-
sa, sem poder estar ao lado dos
filhos, agora abandonados.

O povo de nossa cidade
preocupa-se, todo ele, com o me-
nor abandonado. Tanto as Uni-
versidades quanto as associa-

ções e sobretudo a pastoral vol-
tam constantemente à situação
insustentável dos menores, que
vagueiam pelas ruas e por vezes
já se ajuntam em bandos, para se
entregarem a ocupações desas-
trosas.

Projeta-se mesmo uma gran-
de semana de estudos: reflexões
e resoluções em favor do menor
em nossa cidade.

De nossa parte, não desco-
brimos nenhuma solução verda-
deira, senão pela ocupação que
terá este menor nas horas em que
os pais não estão próximos a ele.

A única solução que repu-
tamos séria e definitiva será a
de prolongar-mos o tempo de es-
colaridade, de três para seis ou
oito horas.

Todos os projetos de cons-
truções viárias ou outras não te-
rão a importância da duplicação
de prédios escolares em nossas
periferias, que possam acolher
as crianças durante seis a oito
horas, fornecendo-lhes nutrição,
treinamento e lazer, tão indis-
pensáveis a esta cidade.

O investimento público e
particular deve ter sempre como
finalidade o homem. No entan-
to, só terá garantia de ser bem
aplicado, quando atinge o ho-
mem na primeira idade da vida.
Quando favorece a criança.

Estamos numa época de
transição, e é nesta hora que de-
vemos encaminhar os problemas,
para evitarmos futuras crises.
Própria pois que, na hora em que
celebramos o amor da mãe, su-
gerissemos soluções autênticas
para os filhos das mães carentes
ou das famílias mais pobres.

Outros países, que estão em
condições semelhantes às do Bra-
sil, já adotaram os períodos es-
colares mais prolongados, de seis
a oito horas. Por que não faria-
mos os mesmos esforços, subme-
tendo-nos até a sacrifícios e austeri-
dades? Assim proporcionaria-
mos às crianças um longo perí-
odo de presença nas escolas, capaz
de preservar a saúde, a camara-
dagem e as iniciativas mais no-
bres àqueles que amanhã serão
os jovens e os homens responsá-
veis pela construção de uma no-
va sociedade.

Meus Amigos:

A Palavra de Deus e o exem-
plo do próprio Cristo nos levam
a pôr a criança no centro de to-
das as nossas iniciativas e preo-
cupações. É o modo cristão de ce-
lebrarmos o amor da mãe.

Quando o Evangelho nos
apresenta Nossa Senhora pro-
curando seu filho de porta em
porta, redescobrimos toda a an-
gústia das mães que não sabem
onde os filhos passam seu dia.
Que a Mãe de Jesus, que procu-
ra seu filho na multidão dispersa
na Capital, nos leve a redesco-
brir nossos menores abandonados.
Deus os ama e nós os ama-
mos com o mesmo amor.

PAI NOSSO...

Mãe, Mulher, Companheira

DONA MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA

Logo que acabou o curso primário, Ana Maria foi trabalhar na casa de uma família de fazendeiros, em sua cidade, Viradouro, no Interior de São Paulo. Seus patrões a trouxeram para a Capital, pois moravam na avenida Higienópolis, bairro elegante, onde ela ficou mais quatro anos. Nesse tempo um vizinho começou a namorá-la, ele também filho de colonos na fazenda de café. O moço trabalhava arando a terra. Uma vida difícil, dura, plantando arroz, feijão, milho e amendoim. A velha lei da fazenda: quem era velho de casa tinha que assinar um papel para em seguida ser mandado embora. Depois, era readmitido com salário mais baixo. O rapaz recusou-se a assinar o papel, pois via as cláusulas todas favoráveis ao patrão. Pobre do peão, não tinha nenhum direito. Ninguém era registrado, como também ninguém tinha segurança no trabalho. Por ter-se recusado a assinar o papel, ele foi mandado embora. Durante algum tempo foi bóia-fria, de que jeito?

Aquele mesmo patrão que tinha mandado o rapaz embora, dava trabalho para Ana Maria. Coisas da vida. Ele tentou vir para São Paulo, o que já era uma aventura. Seus pais eram de Terra Rosa, interior da mesma forma que os pais de Ana Maria, de Pitangueiras.

Não vamos fazer tanto suspense para dizer com quem Ana Maria se casou: Santo Dias da Silva, um combativo metalúrgico de São Paulo, militante da Pastoral Operária e que fez parte da chapa 3. de oposição, nas últimas eleições sindicais. É que ele aparecerá em toda história muitas vezes — porque separar a luta da mulher da do seu marido, se ela está intimamente ligada na prática do dia-a-dia?

Um dia, Santo desembarca na Rodoviária de São Paulo. No ano de 1965 ele e Ana Maria voltam para Viradouro para se casar. Famílias, vizinhos e conhecidos da região animam a festa. Uma festa simples. No dia seguinte eles partem e depois voltam para a Capital.

COMEÇO

Aqui moraram quatro anos e meio de aluguel na Vila das Belezas, em Itapeverica da Serra, numa casa de três comodors. Santo empregou-se na Metal-Leve, como ajudante. Ana Maria continuava trabalhando, mas desta vez em sua casa. Aliás, é um erro muito grande dizer, por exemplo, que a mulher não trabalha, uma força

de expressão que quer dizer, entre outras coisas, que a mulher não sai para trabalhar numa fábrica, num escritório, numa escola. Quem fica em casa, trabalha muito mais, e sem ter carteira assinada, férias, 13.º salário etc..

Enquanto Santo dava o duro na fábrica, Ana Maria ficava em casa cuidando do filho que ia nascer. Nesse meio tempo compraram um terreno no Jardim Tereza, Santo Amaro. Um lugar que estava começando a ser loteado. Até hoje a vida lá parece que está começando.

Começava o trabalho do Clube das Mães no bairro Santa Margarida, Santo Amaro. Um trabalho desenvolvido na igreja do bairro. Ana e Santo sempre foram ligados à Igreja. “desde o tempo que se entendia por gente”, diz ela sorrindo. No dia 15 de novembro de 1971 duas freiras foram dar curso sobre renovação da Igreja nesta paróquia. Nesse dia passaram o filme “O valor da pessoa humana”, mostrando que todo mundo tem valor, que todos tem que ter um papel na sociedade. A proposta das freiras: que não se ficasse somente neste encontro — mas que continuasse em outros trabalhos. Fundar o Clube das Mães, por exemplo.

Tinha muitos Clubes de Mães, mas eram a nível das madames do Lvons, Rotary Clube, enfim, nada a nível popular. Eram cinco mães naquele clube, e elas fizeram 50 convites para serem distribuídos em to-



Ana Maria do Carmo Silva tem 35 anos. Santo, seu marido, tem 37. Eles têm dois filhos: Santo, de 13 anos, e Luciana, de 11. Como dona de casa, ela ainda encontra tempo para se reunir no Movimento Contra a Cares-tia, da mesma forma que encontrava tempo para ir ao Clube de Mães, embrião do MCC. Na parte da manhã fazia todo o serviço de casa, e logo depois do almoço, ia para as reuniões. Já de tardezinha voltava para casa para preparar o jantar do marido e dos filhos.

Nos fins de semana todo seu tempo é dedicado ao trabalho na comunidade. Vai à missa e participa de reuniões à tarde e à noite. Os meninos chegaram a reclamar uma vez da ausência do pai. É que Santo ficou alguns meses trabalhando na fábrica Alfa, no Brás, e para chegar lá, tomava três conduções. Acordava às 4 horas da manhã e chegava às 9 da noite. Atualmente ele trabalha na Filtro Sman, em Santo Amaro, mas num horário incômodo: das 14 às 22 horas. Não só ele, como a maioria dos companheiros da chapa de oposição, todo mundo está trabalhando nesse horário. Como fazer oposição desse jeito?

do o bairro. Compareceram a reunião 46 mães. Isso no dia 6 de janeiro de 1972. Ficou marcado para todas as quintas-feiras nova reunião. Uma das freiras, Irmã Verônica, saiu. Outra, Irmã Angélica, continuou com o trabalho. Até que um dia ela teria de receber o voto perpétuo e ficar no convento. Reuniu a comunidade e fez a proposta: deveria voltar para sua Ordem ou ficar com as mães? Depois dessa reunião, ela desistiu de ser freira. Hoje está casada, tem um filho e no mês que vem nascerá o segundo filho. Essa moça é deputada estadual, e seu nome é Irma Passoni.

O primeiro encontro aconteceu no dia 16 de janeiro de 1972, e prosseguiu por bom tempo todas as quintas-feiras às 2 da tarde. Os trabalhos eram divididos em duas partes: trabalhos manuais (crochê, bordados, costura) e leitura de livros de Igreja, além da discussão de trabalhos, como educação de filhos, problemas de saúde, enfermagem do lar, controle da natalidade etc.

Aos poucos descobria-se o trabalho nos bairros, e suas causas, como o porquê das crianças serem doentes. Claro que elas eram doentes porque em suas ruas não tinha escola, não passava caminhão de lixo, não tinha asfalto. As mães começavam a ver o outro lado do mundo. Deixavam de ver a Igreja como algo que celebra missa aos domingos e faz todo aquele ritual católico. Foi um outro caminho que as mães descobriram. Um novo caminho.

Vários clubes foram feitos, além da Santa Margarida: Kagohara, Remo, Figueira Grande, Alfredo, tudo no mesmo nível. Tudo popular. Já nesse tempo as freiras não estavam mais com elas. As responsáveis, a partir dali, eram as próprias mães dos bairros.

MOVIMENTO CUSTO DE VIDA

Em 1973 nasceu uma carta contando toda a situação da classe tra-

balhadora. Essa carta foi distribuída de casa em casa. Muitas pessoas pediram para deixar a pesquisa e responder mais tarde, com seus dados. Dai a três dias elas iam com a resposta. Era mais ou menos assim: o preço do arroz, do feijão, do gás, do óleo, quanto custava em 1973, qual tinha sido a diferença de ano para ano? Nessa diferença de ano se para ver quanto tinha subido o preço, os gêneros de primeira necessidade. Café, feijão e gás tinham uma alta fora do comum nesse tempo, mais de 100%. A carta foi publicada em primeira mão pelo O SÃO PAULO e depois transcrita nos principais jornais do país e lido na Câmara dos Deputados.

Nascia o Movimento do Custo de Vida. Já não se tratava mais de clube de mães, mas de operários atuantes. Nessa fase de transição, 1973/74, o operário Aurélio Pereira foi preso (atualmente ele é deputado federal). Apesar de toda repressão policial, o trabalho continuou sendo feito nas bases.

No ano de 1975, o Clube de Mães de Cidade Ademar propôs que se retomassem ao trabalho do Movimento do Custo de Vida. Foram reunidos todos os Clubes de Mães de toda Zona Sul da cidade. O trabalho foi ampliado.

Um dia teve a assembléia do movimento, com 18.900 assinaturas coletadas de casa em casa. Foi no dia 1º de junho de 1976 no Colégio Santa Maria, onde foram convidadas autoridades — e para variar não compareceram. Só os “autênticos” do movimento se manifestaram. A partir daí o movimento se ampliou. No dia 12 de março de 1978 cerca de 20 mil pessoas foram para a praça da Sé e manifestos para o lançamento do abaixo-assinado, no Colégio Arquidiocesano.

Treze mulheres e oito homens foram à Brasília no dia 11 de setembro de 1978. O resto da história todo o mundo já sabe. A luta continua.

Ela varre as ruas.

Para dar comida e escola aos filhos

"Eu nem sei se ainda posso ser chamada de mãe. Eu sempre lutei pelos meus filhos, para que eles tivessem comida e estudassem. Já cheguei a pedir esmolas para poder dar comida... Mas só faço isso para eles. Eu saio de casa às 5:20 horas da manhã e só volto lá pelas 7 horas da noite. Quando saio, eles estão dormindo e quando volto, não os vejo. Nem aos sábados e domingos tenho tempo de "brigar" com eles... A empresa não nos obriga a trabalhar, mas se a gente não trabalha, sabe como é?"

A declaração desta mãe poderia ser dada por milhares de mulheres nos dias de hoje. Dona Irene Pereira, a entrevistada, trabalhava no centro de São Paulo, no Parque Dom Pedro II. É "margarida", ou "cenourinha", como são tratadas as mulheres que trabalham na limpeza pública, varrendo as ruas da cidade.

Para explicar o porquê de sua dúvida — "será que eu ainda sou mãe" — ela nos contou sua vida agitada. Tão agitada que, no momento da declaração, não parou no lugar: "A empresa não gosta que a gente fique conversando".

— As coisas estão muito difíceis para os pobres. Eu trabalho todo o dia mais de 8 horas... também nos sábados, domingos e feriados... E só ganho Cr\$ 1.800,00. Meu marido também trabalha com isso e ganha 2 mil. Tenho 11 filhos, só que 7 já se casaram e saíram de casa. Minha casa é pequena e não é minha. É



de meu irmão. Só tem dois cômodos. Neste barraco dorme eu, o João (seu esposo, João Raimundo, de "mais de 60

anos") e as 4 crianças. Todos são menores de 18 anos e estudam. O lugar é muito ruim, não tem luz, esgoto, asfalto. Fica perto da Igreja de Itaim. Para chegar ao trabalho eu e o João pegamos trem, uma porcaria, todo velho. Demoramos quase duas horas dentro dele. Olha, quando a gente chega em casa, não dá vontade de fazer mais nada!

Os filhos, coitados, só vêem a gente de vez em quando. São duas mulheres e dois machinhos. A mais velha faz todo o serviço de casa e estuda à noite. O garoto de 15 anos já está procurando emprego, ele também es-

tuda. Eu acho que o mais importante é eles continuarem estudando.

Dona Irene é "margarida" há apenas um ano. Já o senhor João trabalha na mesma empresa há mais tempo. Como já falou, durante um certo tempo esteve sentada nas ruas do centro pedindo esmola. Antes os dois trabalhavam "numas chácaras de japoneses lá do lado de Itaquera".

— Quando a gente trabalhava na roça, era melhor. A gente vivia mais junto e tinha comida mais

à vontade. Certo que eu tinha estudo para as crianças, mas era melhor. Agora tem estudo, mas é muito esforço, mas eu não têm mais nada! A comida não é muito boa. Eles ficam em casa sozinho, vão para a rua. Fazem muita bagunça. Na escola eles vão bem.

A coisa piorou, quer dizer, a vida foi piorando ao invés de melhorar. As crianças sofrem mais. Mas não é nossa culpa. Eu não sei se elas entendem isto.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*Data *20/05/79*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Inaugurada a 1.^a creche/comunitária

O prefeito Tito Costa, de São Bernardo do Campo, inaugurou no último sábado, a primeira creche comunitária do município, instalada no Jardim Petroni. A unidade, cuja existência e ação ficam a cargo do Departamento da Promoção Social, órgão da Secretaria Municipal da Saúde e da Fubem-SBC, Fundação do Bem-Estar do Menor, surge paralelamente ao funcionamento, desde o último dia 7 dos lares substitutos, que estão atendendo cerca de vinte menores na faixa etária de 1 a 5 anos. A aplicação do sistema teve início no Jardim Petroni e, por extensão no Jardim Industrial e Parque São Bernardo porque são localidades onde o número de mães que necessitam trabalhar fora e não tem com quem deixar seus filhos é grande.

A criação dos lares substitutos e creche comunitária surgiu através da sugestão de dona Léa Costa, que observou trabalho semelhante a esse desenvolvido em Brasília. O projeto dos lares substitutos, que durante seis meses permanecerá na fase experimental, é executado através da participação de

famílias que recebem e cuidam durante o dia de até três crianças, pertencentes a mães que precisam trabalhar fora. Para reduzir ao mínimo as possíveis falhas, as mães substitutas recebem orientações quanto a alimentação, higiene, saúde, recreação e lazer das crianças, por parte da Fubem, Promoção Social e estudantes do Projeto Rondon que também participam da tarefa.

Para supervisão da creche/comunitária e dos lares substitutos está sendo mobilizada uma equipe composta por assistente social, pedagoga, psicólogo, enfermeira e médico, que visitará semanalmente os lares substitutos. Para participar do lar substituto a mãe natural deve trabalhar fora do lar, apresentar registro de nascimento e caderneta de vacinação do menor, pagar uma taxa mensal de 200 cruzeiros e fornecer a alimentação que seu filho utilizará no lar substituto. A mãe substituta, receberá, além de alimento a ser destinado à criança, a importância de 200 cruzeiros, que poderá ser complementada pela Fubem até a importância máxima de 600 cruzeiros.

Já não sabemos tratar as crianças

O Ano Internacional da Criança que, no Brasil, começou com grande ênfase promocional, já entrou numa fase morna e, provavelmente, continuará assim até o fim para, em seguida, entrar no esquecimento total. As crianças, no entanto, continuam presentes em nossa sociedade, renovando, dia a dia, as esperanças da humanidade e infundindo ternura em tantas pessoas endurecidas pelos embates da vida. Os poucos **slogans** que ainda aparecem nos vídeos de nossos televisores para lembrar que estamos no Ano Internacional da Criança, limitam-se a inculcar um vago sentimen-

to de amor pelos pequenos sem, contudo, abordar os verdadeiros problemas que os afetam e sem propor qualquer pista de solução.

Convém lembrar que, no Brasil, segundo as estatísticas da UNESCO, ocorrem anualmente cerca de um milhão e quinhentos mil abortos, número este que, segundo os entendidos, deve ser elevado para três milhões.

Trata-se de um verdadeiro massacre de crianças indefesas e sobre o qual nada se fala. Entre as crianças que tem a sorte de nascer, 85 de cada mil não chegam a completar um ano de vida e cerca

de 160 completam seu quinto ano já no cemitério. Das que sobrevivem, cerca de 30% continuarão seus dias carcomidas pela fome, morando em barracos sem higiene, sem assistência médica e sem escolas, fadadas a uma vida adulta miserável e marginalizada. O problema do menor abandonado e delinquente está, à vista de todos e ameaçando a todos. As crianças abandonam os lares e as escolas e ingressam prematura e desordenadamente na defesa da própria vida, porque os adultos se omitem dessa sagrada tarefa. Mas o problema se prolonga um pouco mais: a criança está-se tornando indeseja-

da, pois, no entender de alguns, atrapalha a vida dos adultos e ameaça o progresso da Nação. Urge, portanto, incrementar o controle da natalidade e há toda uma máquina montada e já funcionando para conseguir esse intento. Que o digam os laboratórios que fabricam e comercializam anticoncepcionais.

Está aí, portanto, o quadro: controle de natalidade crescente, aborto às soltas, mortalidade infantil a taxas recorde, menores abandonados em escala montante, crianças famintas e sem saúde, morando em barracos e com futuro social irremediavelmente compro-

metido. Seria pessimismo ou simples visão objetiva da realidade?

O Cristianismo, seguindo o exemplo do Mestre, sempre dispensou à criança uma atenção privilegiada. Aliás, o próprio Cristo deitou ameaças severas sobre quantos maltratam as crianças. Melhor seria atar uma pedra ao pescoço antes que escandalizar uma criança. O Brasil, portanto, defronta-se com um problema humano e evangélico grave. Estamos empenhando, e mal, nosso futuro cristão.

O Ano Internacional da Criança não pode limitar-se a atitudes festi-

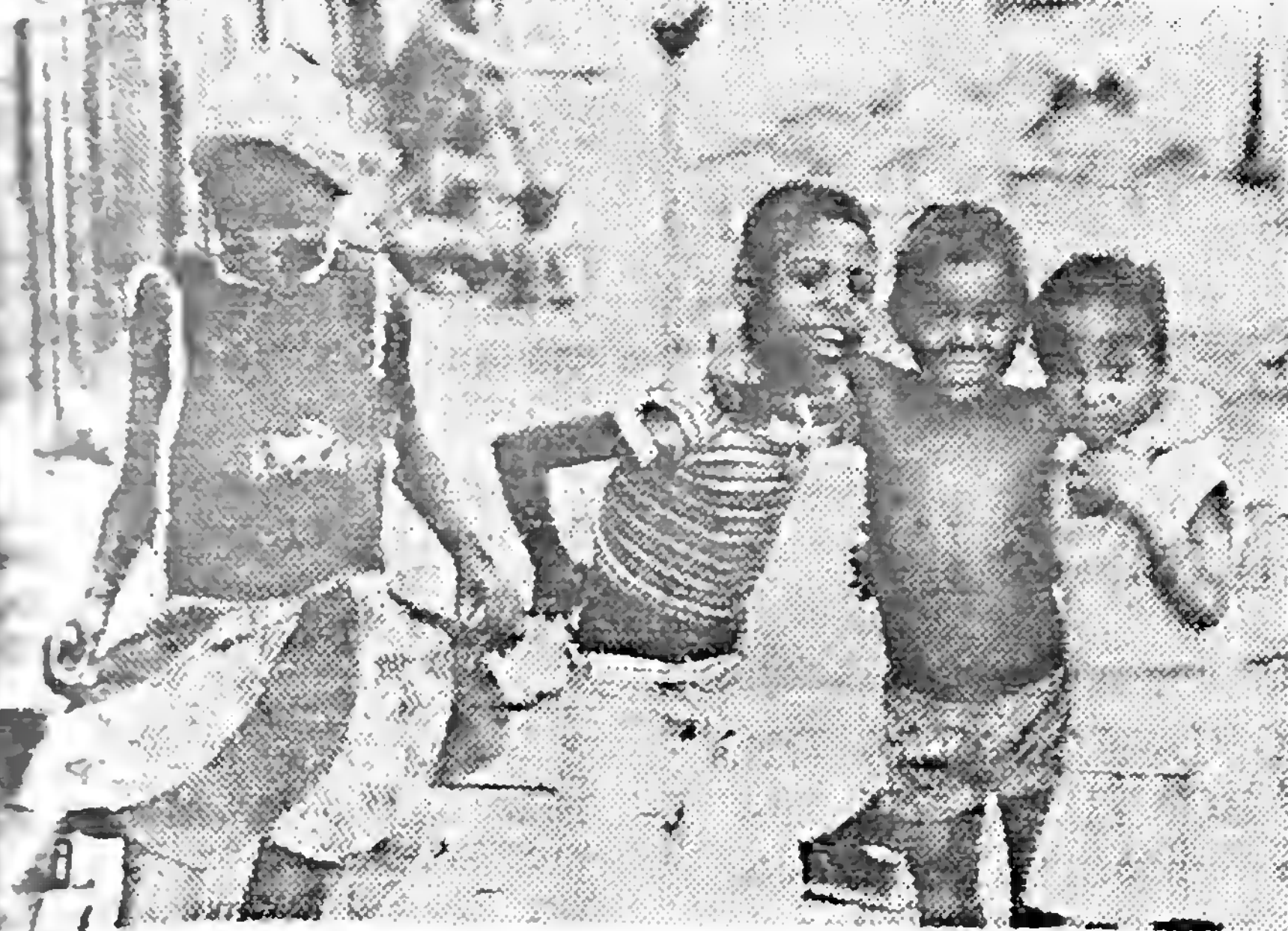
Júlio Munaro

vas e sentimentais. O problema que pretende focalizar, afigura-se por demais sério para que possa ser tratado na base da festividade. As nossas crianças esperam algo mais de seus pais, de seus irmãos adultos, da nação que Deus lhes deu por pátria. É uma tarefa que concerne a todos. Para enfrentá-la condignamente fez-se mister abrir os olhos, armar-se de coragem humana e cristã e pôr a mão na ferida: o nosso coração está se pervertendo ou já está pervertido, pois já não dispomos de alma suficiente para tratar como convém nossas crianças.

Dia Mundial das Comunicações Sociais

Tutela e promoção da
infância, eis o tema

(18-24, 05, 1979)



A Igreja prepara-se para celebrar, como todos os anos, o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Foi este Dia (27 de Maio de 1979), agostinho XIII, instituído pelo Concílio Vaticano II para que o Povo de Deus reflita a fundo nos grandes temas que se referem aos meios de informação e de espetáculo, característicos, talvez como nenhum outro elemento, da civilização moderna.

O tema escolhido pelo Santo Padre para este ano não necessita de encarecimento: trata dos "mass media" em referência à tutela e à promoção da infância na família e na sociedade. Ver a criança como "personalidade que se está a formar" deve ser estímulo para os católicos, os cristãos de todas as confissões e os homens de boa vontade em geral, aprenderem a expor, com zelo e inteligência, os verdadeiros ideais a fim de serem conhecidos e vividos.

E, com maior razão ainda, num terreno tão delicado e delicado como é o das comunicações sociais, não só vivas e atuantes em todas as latitudes, mas imprescindíveis tanto para a difusão da cultura, como para o primeiro anúncio e o ulterior aprofundamento da fé cristã.

A celebração do Dia Mundial de 1979 vem dentro do "Ano Internacional da Criança", proclamado pela ONU. A sociedade contemporânea expõe as crianças a um contato quase ininterrupto com os "mass media", sem se preocupar tanto com a educação, a recreação e o crescimento espiritual e intelectual das mesmas. A Igreja e a sociedade deveriam promover programas, filmes e publicações que se adaptassem à infância, como também protegê-la eficazmente contra os abusos da comunicação social.

RESPONSABILIDADE DOS PAIS
E DOS EDUCADORES

ideal seria a criança crescer de maneira saudável na família, desenvolver uma vida própria e própria dinâmica de enriquecimento, alimentada pelo encontro e o diálogo prolongado com todos os parentes e pela constante e frequente possibilidade de encontros comunitários.

O rádio e a televisão são justamente considerados os meios que mais penetram no contexto familiar, quase como "outros membros" da família.

Um primeiro cuidado consistirá em não permitir que a estes seja protestada uma atenção tal que prejudique o referido diálogo entre família.

Noutras ocasiões deverá evitar-se que os membros da família se dispersem assistindo a vários espetáculos públicos com prejuízo da vida comunitária.

RESPONSABILIDADE DA SOCIEDADE

De modo análogo, deve exigir-se não só a cooperação mas o sentido de responsabilidade dos diversos estratos sociais, primeiramente o dos educadores. Para o justo e equilibrado desenvolvimento da personalidade infantil será necessário que as várias influências e fatores de que ele depende se orientem efetivamente para o bem comum e atuem com o devido equilíbrio entre si. Assim: a família, que é a primeira célula da sociedade e da Igreja; a sociedade, com os distintos setores que presta ao homem; a escola; e a própria Igreja, depositária da mensagem sobrenatural e essencial destinada ao homem. Esta mensagem deve ser adaptada com vistas no anúncio eficaz à criança, durante as várias fases do seu desenvolvimento.

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

O Ano Internacional da Criança, iniciativa da ONU, apresenta o risco de levar a uma absorção excessiva da criança por parte do Estado, com o risco de violação dos direitos fundamentais da família e da comunidade religiosa. Os meios de comunicação social têm o dever de insistir neste risco, ao mesmo tempo que valorizem os direitos da criança e promovam o reconhecimento de todos os outros direitos ainda não proclamados oficialmente.

O Santo Padre acaba precisamente de recordar que, se a criança goza de certos direitos fundamentais, a estes direitos correspondem paralelamente outros tantos deveres por parte da sociedade.

Por exemplo, se a criança tem direito à vida desde a sua origem, segue-se deste direito o dever para a família e para a sociedade de protegê-la não só legalmente mas também realmente, desde a vida desde o momento da concepção.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL PARA A TUTELA DA VIDA

Existe certo perigo de o "Ano Internacional Criança" ser utilizado para campanhas em favor da contracepção e até do aborto. A opinião poderá ser influenciada pelos "mass media" nesta matéria. O Dia Mundial das Comunicações Sociais tem, portanto, como objetivo lembrar os direitos fundamentais da tutela da vida. "Os direitos fundamentais do homem, em todos os estágios da sua existência", sempre foram defendidos pela Igreja e sê-lo no futuro. Por isso mesmo, não pode a Igreja deixar de se considerar o principal baluarte de defesa da pessoa humana em toda a duração da sua vida terrena desde a concepção.

O tema do XIII Dia Mundial há de integrar-se nesta mesma linha de pensamento e neste programa. Um passo mais: a 27 próximo, a palavra de João Paulo II levará a que se aprofunde mais e enriqueça doutrinalmente o tema proposto.

Incrível! Bolinada foi demitida porque reclamou.

Carta aberta à Condessa P. Carneiro, diretora-presidente do Jornal do Brasil Ltda.

Um fato absurdo ocorreu no Jornal do Brasil no dia 5 de maio, sábado. O sr. Isac Piltcher, um dos editores do jornal, passou a mão nos seios de uma recepcionista, depois de ter tido o mau gosto de tecer comentários sobre o seu corpo. A moça, desconcertada e indignada, procurou saber de quem se tratava e o que fazer. Comunicou o episódio a seus superiores. A recepcionista em questão, para espanto geral, foi demitida. Mas a coisa não parou aí: dia 8, terça-feira, as sete recepcionistas que tentaram tomar satisfação com o dito editor foram despedidas no final do mesmo dia.

As dificuldades que a mulher enfrenta no seu dia-a-dia muitas vezes são vistas como simples casos pessoais. No entanto, cada vez que um grupo de mulheres se reúne, percebemos que essas dificuldades são comuns ao nosso sexo. Na nossa sociedade, qualquer mulher sozinha, ou não acompanhada de um homem, é tida como uma mulher disponível. Ora, a mulher que larga o emprego e volta para casa à noite não é uma mulher disponível, como é o caso da

recepcionista, cuja função é atender bem aos que a ela se dirigem. Elas também não estão disponíveis para agressões masculinas, sobretudo se essa agressão parte de um superior que se aproveita de sua condição. Não é de hoje que as mulheres reclamam de problemas de relacionamento no trabalho. Se os colegas, ou pior, os chefes tentam conseguir delas algum favor extra-trabalho, as mulheres ficam numa situação-limite; quando reclamam estão arriscando seu emprego.

A atitude da direção do JB confirma o que acabamos de dizer: preferiu despedir as que reclamaram e proteger seu editor. Isso quer dizer que as recepcionistas do jornal devem receber cantadas e ser bolinadas sem reclamar?

Não acreditamos que a senhora esteja a par dos acontecimentos, por isso resolvemos lhe escrever. Esperamos que, por sua condição de mulher, se solidarize com as recepcionistas demitidas e interceda para que o erro seja reconhecido.

A nossa indignação e a nossa disposição de alterar e denunciar casos como esse — que acontecem todos os dias, em todos os locais de trabalho — nos levam a enviar

cópias desta carta a todos os jornais e a alguns dos editores do seu jornal, inclusive o sr. Isac Piltcher, que pelo visto considera as mulheres um objeto em exposição, à sua disposição.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1979

Elaine G. Ferreira, Celma da Costa, Vera Cristina M. M. Ramos, Deisi Reis, Consuelo Rodrigues, Neide Clésia, Kátia Maria M. Rezende, Solange Coli.

Nós, enquanto mulheres, repudiamos esse ato arbitrário e injusto e nos solidarizamos com as recepcionistas demitidas exigindo a imediata readmissão das mesmas.

Centro da Mulher Brasileira — RJ

27 de maio, Dia Mundial das Comunicações Sociais

As crianças e seu maior companheiro: a TV

SONIA BIBE LUYTE

QUANDO a ONU, há três anos, proclamou 1979 como o "Ano Internacional da Criança", teve como objetivo tentar despertar a consciência para os problemas e necessidades da criança. Essa tarefa seria de incumbência não somente dos governos, mas também das organizações em geral e, em especial dos meios de comunicação.

Parece, então, mais do que oportuno, tendo como pretexto a comemoração do "Ano Internacional da Criança" e o "Dia Internacional das Comunicações" (neste dia 27), avaliarmos não só de que maneira um dos meios de comunicação, a televisão, continua agindo sobre as crianças, mas como estas próprias a encaram.

Não será difícil afirmar que as crianças ao chegarem à idade da adolescência passaram mais horas diante de um aparelho de televisão do que numa sala de aula, para não dizer também, junto à convivência de seus pais.

Podemos dizer que até mesmo a estrutura familiar veio a se modificar, a ponto de um sociólogo dizer que a família normal norte-americana consiste agora de um pai, uma mãe, de duas a quatro crianças um aparelho de TV. E, que junto com os pais, este novo membro da família precisa aceitar sua parcela de responsabilidade pela nova geração.

Mas esta colocação não está tão distante da realidade brasileira. Mesmo entre as camadas da população que moram nas periferias das grandes cidades, que já incorporaram a televisão dentro de suas casas em detrimento de outras coisas de maior necessidade.

Os efeitos da televisão talvez sejam mais evidentes entre as crianças da população mais desfavorecida, pois restam poucas opções de um lazer mais acessível, mais popular do que para as crianças de outras camadas sociais.

A televisão é ligada logo que voltam da escola e permanece até bem tarde da noite. Como há as que estudam de manhã, sobra muito pouco tempo de sono para as crianças de 5 a 10 anos que dizem assisti-la até quase meia-noite. Segundo a psicóloga Christina A. Bártolo, que atua numa das escolas de periferia da Zona Sul de S. Paulo, as crianças que tem uma organização familiar mais estruturada são menos ligadas a televisão. Isto porque, a televisão é colocada no meio de outras atividades da casa para ajudar a mãe, cuidar dos irmãos, fazer ligações, etc. Ao passo que nos lares onde não há uma determinação de funções temos a probabilidade da televisão ser vista indiscriminadamente e sem controle. Isto porque os pais saem para trabalhar e a casa fica aos cuidados dos irmãos mais velhos ou de alguém que venha tomar conta das crianças.

Por ser 1979 o Ano Internacional da Criança, o Papa João Paulo II resolveu escolher como tema para a celebração do Dia Mundial das Comunicações, a tutela e a promoção da infância na família e na sociedade. Ver a criança como "personalidade que se está a formar" deve ser estímulo para os católicos, os cristãos de todas as confissões e os homens de boa vontade. A sociedade contemporânea expõe as crianças a um contato quase ininterrupto com os meios de comunicação, sem se preocupar quanto deve com a educação, a recreação e o crescimento espiritual e intelectual das mesmas. Mais do que oportuno no transcorrer dessas datas é avaliar não só de que maneira um dos meios de comunicação, a televisão, continua agindo sobre as crianças, mas como estas próprias a encaram.



O IRREAL COM APARÊNCIA DE REALIDADE

Os desenhos animados, alguns programas fantais e muitas novelas ganham a preferência das crianças de 5 a 10 anos. Seus heróis mais conhecidos vão desde o Silvio Santos, o Chacrinha, o Hulk, a Mulher Maravilha e os habitantes do Pica-Pau Amarelo. Elas gostam de tudo o que assistem. Não distinguem se aquelas figuras vêm na sua frente não são de verdade, toda a brutalidade ou maldade que saem dos programas ou desenhos é apenas um faz-de-conta.

Como é que então, uma criança, que vê a violência como o meio usado para se ver tudo, vai conseguir acreditar que existe outra possibilidade de se resolver um conflito? Ela simplesmente não vai conseguir encontrar uma outra solução. Por enquanto os pesquisadores não parecem dar muita importância ao fato de que a ambientação artificial mostrada na televisão, que envolve também as crianças como resultados, dados distorcidos.

E eles serão ainda mais distorcidos vistos por crianças de nível social baixo que conseguem traçar paralelos entre sua própria realidade e a mostrada pela TV. As crianças de famílias mais desfavorecidas impressionam-se com o conteúdo emocional das transmissões, criando conflitos interiores muito grandes.

O aparelho de televisão está presente em casas onde muitas vezes a comida não está. A gente tem duas televisões, pra quando uma parar, ligar a outra", disse uma criança. Ela acionou um mecanismo de pôr tudo em funcionamento, até mesmo a compra do supérfluo sua pela publicidade.

Adoram ver os morangos cobertos com tijolos, os carros bonitos desfilarem pelas ruas, roupas caras que cobrem os manequins. A cidade tem um lugar de destaque na preferência das crianças de periferia. Elas se encantam com tudo. E se ela já é apontada de pernicioso, gerar um consumo desenfreado, gera mais atração ainda entre aquelas que vêem e não têm jeito de comprar.

As crianças falam que gostam de ver televisão. Elas dão muitos motivos. Hoje em dia, faz parte da casa e estaríamos fora da realidade se negássemos sua importância. Ela preenche horas da vida de uma criança, mas não pode oferecer amor, carinho, comida e brinquedos.

E é disso que ela mais precisa.